

BOAS PRÁTICAS DE MANEJO EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE LEITE

Rosane Scatamburlo Lizieire Fajardo¹; Pedro Afonso Moreira Alves¹;

Osvaldo de Almeida Resende²

(¹Pesquisador da Pesagro-Rio; ²Pesquisador da Embrapa Agrobiologia)

INTRODUÇÃO



Quando se pensar em boas práticas para sistemas de produção de leite, antes de qualquer ação, é primordial que se conte com bons gestores. Eles trabalham a parte técnica, mas, também, preocupam-se com os custos envolvidos em cada fase da criação.

Existem diferenças de manejo entre propriedades; por isso, é preciso observar, anotar, analisar, eleger prioridades e, somente depois, tomar decisões, resolvendo os principais gargalos. Para que isso aconteça, é necessário conquistar o produtor para que ele se disponha a receber orientações e, se for o caso, mudar a sua forma de produzir.

Paralelamente, os técnicos têm de ter conhecimento para mudar a realidade desse produtor, caso contrário ele acaba desanimando. É um trabalho a médio e longo prazo que depende da competência do técnico e da concordância do produtor em receber e aplicar as informações. Superado esse impasse, o bem-estar animal (BEA) aparece no cenário como um dos principais pilares de interesse na produção. Compreender o seu significado é fundamental para a qualidade de vida dos animais. A boa saúde (escore corporal, aprumos, detectar sinais de doenças, como pêlos arrepiados, respiração acelerada, inapetência, febre e agir preventivamente); a boa alimentação (dietas balanceadas de acordo com a idade e água de qualidade); boas instalações (sombra natural ou artificial, higiene); e bons comportamentos (a ruminção em períodos de descanso, por exemplo, é sinal de animais confortáveis).

ROTINA

Os bovinos gostam de rotina. É importante estabelecer e cumprir os horários para alimentação, descanso e, também, para a ordenha. Vacas leiteiras se sentem mais confortáveis quando a oferta de alimentos é realizada pela mesma pessoa e nos mesmos horários. Neste ponto, o ordenhador é peça

chave: cumprindo os horários, preparando as instalações antes da entrada dos animais, realizando o passo a passo da ordenha e mantendo a qualidade do leite produzido. Ele deve ser paciente, ter olho clínico, habilidade e sensibilidade no manejo das vacas. As responsabilidades desse ordenhador vão muito além. Ele também deve conhecer os procedimentos para a manutenção dos equipamentos e substituição de peças, principalmente aquelas com vida útil predefinida (conjunto de teteiras e mangueiras, por exemplo), respeitar as orientações para não ocasionar transtornos ou até mesmo ferir os animais.



Teteiras ressecadas ou com rachaduras podem deformar os tetos, deixar leite residual e aumentar a ocorrência de mamite. Os bovinos são capazes de discriminar as pessoas envolvidas nas suas interações, apresentando reações específicas a cada uma delas (condicionamento operante). A presença de pessoas conhecidas pelos animais diminui os efeitos negativos no comportamento e na produção. Por outro lado, o manejo agressivo altera o comportamento, com reflexos imediatos na

produção, na reprodução e na sanidade. Significa dizer que gritar com os animais e/ou usar o ferrão está fora de questão.

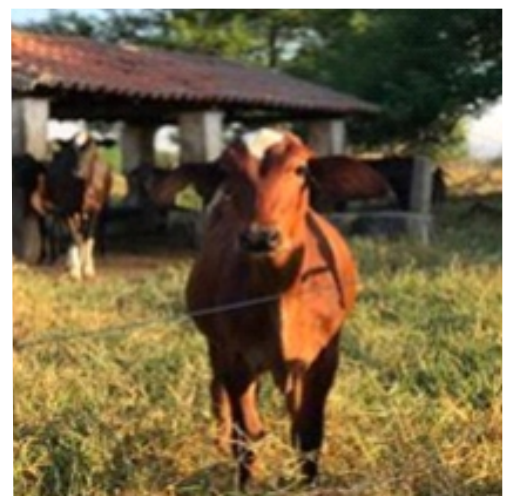
Deve-se conhecer o comportamento dos bovinos e a melhor forma de manejá-los e, nesse ponto, a doma racional das novilhas assume a sua importância. As novilhas devem ser levadas, diariamente, à sala de ordenha, antes do parto previsto, evidentemente sem ordenhá-las. Elas deverão permanecer por algumas horas apenas para se acostumarem com o ruído da ordenhadeira, conhecerem os ordenhadores e receberem a mesma alimentação das vacas em lactação; enfim, se adaptarem à nova instalação.

Com certeza, após o parto, o manejo desses animais será muito mais fácil. Os animais são reflexo do modo como são tratados: manejo, conforto, atenção, cuidado e, principalmente, respeito.

BEM-ESTAR ANIMAL

O sucesso da atividade leiteira está diretamente ligado ao bem-estar animal; somente assim a atividade será sustentável e lucrativa. A qualidade da mão de obra está diretamente relacionada às taxas de mortalidade e/ou morbidade, principalmente de animais jovens. Assim, é necessário o treinamento constante das equipes de trabalho; a hierarquização de atividades (com tarefas definidas dentro de cada grupo); a elaboração de protocolos de manejo (BP's); a fixação de cartazes chamando atenção para alguns cuidados do dia a dia, e o reconhecimento e/ou premiações pelo trabalho executado, estimulando cada vez mais o desempenho dessas equipes.

O estresse pré-parto é outro ponto que merece atenção. O desbalanceamento nutricional, principalmente de energia; as doenças no período pré-parto; o transporte de animais muito próximo ao parto e maus tratos podem afetar as bezerras recém-nascidas. As gestantes têm de ser transferidas para o pasto maternidade, e ter a lactação interrompida 60 dias antes do parto. A ocorrência de abortos, natimortos, animais com defeitos físicos ou, simplesmente, animais que nascem



mais leves e com menor resistência aos agentes causadores de doenças, são mais comuns do que se imagina. O período seco permite o descanso da glândula mamária, com maior produção e qualidade do colostro e maior produção de leite na lactação que se inicia. Então, as vacas não podem parir dando leite. A interação da vaca com seu bezerro logo após o parto é importante para o bem-estar de ambos, mas a interferência se fará necessária se ocorrer algum problema. Caso contrário, basta observar porque a vaca faz todo o trabalho (limpa, seca e corta o cordão umbilical). Se tudo estiver bem, dentro de 30 a 40 minutos a bezerra vai tentar levantar para mamar o colostro. O atraso na ingestão do primeiro colostro após o nascimento ainda é uma das principais falhas de manejo, apesar da sua importância para a sobrevivência e saúde do bezerro no início da sua vida. A curto prazo, uma bezerra com pneumonia representa mais trabalho para o tratador, menor consumo de alimentos e maior risco de novo evento ao desmame, e, a longo prazo, certamente, o aumento da idade ao primeiro parto e, conseqüentemente, menor produção de leite em sua vida produtiva.

BOAS PRÁTICAS

Para que o sucesso seja alcançado, tem de haver equilíbrio em todas as fases de criação. Não adianta criar bem as bezerras e, após o desmame, deixá-las sem atenção, só retornando no momento do parto. Todo o investimento feito será perdido. Por outro lado, não adianta compensar uma cria mal feita na fase de recria, pois o desenvolvimento dos animais já foi comprometido. Na maioria das propriedades, é comum maior atenção para as vacas em lactação; mas não se pode esquecer que as bezerras e as novilhas são um investimento a médio e longo prazo. Se o produtor se preocupa em melhorar geneticamente seu rebanho, utilizando touros ou sêmen de melhor qualidade, quanto mais rápido ele substituir as vacas mais velhas por outras mais jovens, de maior potencial para a produção de leite, melhor. Assim, estabelecer dietas balanceadas de acordo com a fase de criação reduzirá a idade à primeira inseminação ou cobertura, ficando estas fêmeas menos tempo improdutivas no rebanho e o retorno financeiro será mais rápido.

Quando se discutem boas práticas, deve ser incluído o Calendário de Vacinação, definido junto com o médico-veterinário. Registrar as vacinas e exames a serem realizados e a época de realização de cada um. São obrigatórias as vacinas para prevenção da febre aftosa (nos meses da campanha de vacinação), brucelose (fêmeas entre três e oito meses de idade) e raiva (anualmente, a partir dos 4 meses de idade). A realização de exames para controle de ectoparasitos, brucelose e tuberculose, bem como as vacinações contra carbúnculo sintomático e leptospirose também são práticas tecnicamente recomendadas na prevenção e controle dessas doenças.

Após a análise final, a pergunta que fica é: serão necessárias mudanças? Antes de responder deve-se questionar se as metas estabelecidas para aquele determinado rebanho foram atingidas. A taxa de mortalidade deve ser zero (embora até 5% seja aceitável), gastos mínimos com medicamentos (gastos excessivos significam que alguma coisa no manejo está errada), escore corporal adequado (em uma escala de 1 a 5, vacas gestantes devem parir entre 4,0 e 4,5; já animais em crescimento devem apresentar condição corporal em torno de 3,5) e desenvolvimento ponderal adequado para peso e idade, considerando as diferenças entre raças. Se as respostas forem afirmativas, o manejo do rebanho está correto. Caso contrário, sim, mudanças serão necessárias. O objetivo final é reduzir os custos e aumentar a produtividade, mas garantir o bem-estar e a saúde dos animais.

REFERÊNCIAS

<https://www.milkpoint.com.br/artigos/produção/16/04/2019>.
<https://www.portaldbo.com.br/ago-set/2017>.